



Temas Livres

## “OSSOUGUE”: UM CASO DE FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM NA SALA DE AULA?

### “OSSOUGUE”: A CASE OF POETIC FUNCTION OF LANGUAGE IN THE CLASSROOM?

Augusto Stevanin<sup>1</sup>



Universidade Federal do Rio Grande do Sul



4augusto369@gmail.com



**RESUMO:** Roman Jakobson foi categórico ao afirmar que a Linguística deve interessar-se por todas as formas de manifestação da linguagem. Em *Linguística e Poética* (1960) traça minucioso percurso investigativo sobre as diferentes funções da linguagem dedicando-se particularmente à função poética da linguagem. Neste trabalho teórico-analítico, volto-me à função poética da linguagem, buscando entender do ponto de vista teórico o fenômeno e os conceitos linguísticos que ficam mobilizados quando há seu efeito. Narro e partilho impressões desde minha experiência como jovem professor interessado pelo fenômeno da função poética e pelos efeitos daquilo que pode irromper criativa e surpreendentemente do jogo entre som e sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roman Jakobson; Linguística e poética; Função poética da linguagem; Ensino de língua portuguesa.

**ABSTRACT:** Roman Jakobson was categorical in stating that Linguistics should be interested in all forms of language manifestation. In *Linguistics and Poetics* (1960), he meticulously traces an investigative path on the different functions of language, particularly dedicating himself to the poetic function of language. In this theoretical-analytical work, I turn to the poetic function of language, seeking to understand, from a theoretical point of view, the phenomenon and linguistic concepts mobilized when its effect occurs. I narrate and share impressions from my experience as a young teacher interested in the phenomenon of the poetic function and the effects of what can creatively and surprisingly emerge from the interplay between sound and meaning.

**KEYWORDS:** Roman Jakobson; Linguistics and Poetics; Poetic Function of Language; Portuguese Language Teaching.

REVISTA  
**Decifrar**

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 12, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

#### Informações sobre os autores:

1 Mestrado (2022) em Estudos da Linguagem - Análises textuais discursivas e enunciativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), graduação pela mesma instituição em Letras (2019), realiza atualmente na UFRGS especialização em Literatura Brasileira (2024-2025); atua como professor de Literatura e Língua Portuguesa na rede pública de educação do estado do Rio Grande do Sul



10.29281/rd.v12i24.16355

#### Fluxo de trabalho

Recebido: 24/10/2024

Aceito: 03/03/2025

Publicado: 05/03/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)





## INTRODUÇÃO

O título do texto, talvez um pouco esquisito devido à palavra que põe em cena, anuncia movimentos. Essa palavra com a qual inicio, “ossougue”, foi a construção de linguagem verbal com a qual me deparei em contexto escolar e foi ela precisamente que me conduziu a esta escrita, portanto, esse trabalho é feito de um espanto diante de uma palavra estranha. A pergunta posta, por sua vez, diz tanto de uma postura interrogativa que adoto, quanto do amparo teórico que busco em Roman Jakobson, reformulando as ideias, a pergunta poderia ficar da seguinte maneira: em que medida a discussão feita em *Linguística e Poética* (1960) poderia amparar uma hipótese de criatividade verbal em “ossougue”?

Com este texto gostaria de compartilhar uma leitura sobre a função poética da linguagem desde Roman Jakobson, dividir perguntas, também dar forma a um pouco daquilo que experiencio na sala de aula enquanto jovem professor de língua portuguesa.

Esse trabalho é fruto de uma colisão de coisas que se cruzam em mim. Como a minha formação em letras, meu interesse por literatura, o percurso em linguística que realizo junto ao grupo de pesquisa O rastro do som em Saussure<sup>1</sup>, também aquilo que se passa na sala de aula. Como o meu encanto por tudo aquilo que provoca a desterritorialização.

Quero aqui poder ensaiar dois movimentos: o primeiro de caráter mais teórico em que me volto ao *Linguística e Poética*; o segundo movimento, por sua vez, de caráter mais narrativo-reflexivo em que tento fazer alguns deslocamentos da teoria para a prática, ou seria melhor dizer, da teoria para a experiência.

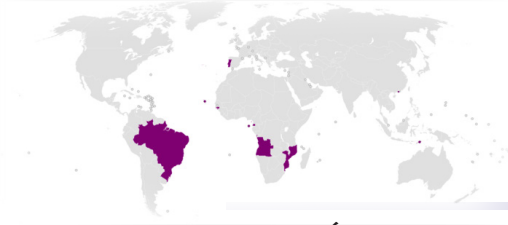
Esse trabalho é um movimento bem modesto em que tento não aplicar uma ideia à prática, antes refletir na companhia e desdobrar a ideia, pensar sobre seus alcances. Iluminar coisas novas, iluminar desde os efeitos daquilo que se passa na sala de aula enquanto as palavras são colocadas em cena querendo produzir sentido.

As perguntas que este texto toma como alavanca são: o que pode ser dito sobre a função poética da linguagem desde Roman Jakobson? Que conceitos linguísticos ficam mobilizados quando esse fenômeno? Que desdobramentos pode a função poética da linguagem suscitar no contexto escolar do ensino de língua portuguesa?

### 1. À FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM EM ROMAN JAKOBSON

O que pode ser dito sobre a função poética da linguagem em Roman Jakobson? Quais são os principais conceitos linguísticos mobilizados por esse fenômeno linguístico?

<sup>1</sup> Grupo de pesquisa ligado ao Programa de Pós Graduação em Letras da UFRGS, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luiza Ely Milano.



É tentador pensar em uma apresentação de Jakobson, tanto tentador quanto difícil, aqui penso poder ser relevante apontá-lo como um teórico bastante heterogêneo: foi um teórico que realizou trabalhos da fonologia estrutural à poesia, da dissolução da língua à sua aquisição, interessando-se pelas mais diversas formas expressivas da linguagem, como a literatura, a pintura, o cinema, o inconsciente, a cultura. Neste texto principalmente gostaria de poder evocar uma versão de Jakobson entre linguística e poética. Assim, por um lado, aquele que fundou a fonologia estrutural sincrônica, quem, nas *Teses de 1929*, ao tratar das tarefas fundamentais da linguística sincrônica, disse que, entre elas, encontra-se a necessidade de estabelecer e caracterizar o sistema fonológico de uma língua, especificando o repertório dos fonemas, as relações entre os fonemas, as relações possíveis e as relações não usuais, o grau de densidade das relações fonêmicas, podemos acompanhar no referido texto:

É preciso caracterizar o sistema fonológico, isto é, estabelecer o repertório das imagens acústico-motoras mais simples e significativas de determinada língua (os fonemas), especificando obrigatoriamente as relações existentes entre tais fonemas, vale dizer, traçando um esquema estrutural da língua considerada. (...) É preciso determinar as combinações de fonemas realizadas numa língua em confronto com as combinações teoricamente possíveis desses fonemas, as variações de ordem de seu agrupamento e a extensão dessas combinações. (...) Devemos determinar também o grau de utilização e a densidade de realização dos fonemas examinados, bem como as combinações, de extensão variada (Jakobson, 1978, p. 84).

Quem também, cerca de vinte anos após a publicação das *Teses*, na segunda exposição de *Seis lições sobre som e sentido*, não deixou restar qualquer dúvida a respeito do grandioso passo dado por Ferdinand de Saussure ao inscrever o som dentro de um quadro de estudo de base relacional diferencial, portanto, em um estudo do som ancorado ao sentido e ao valor em linguística, acompanhamos ao final da referida lição:

Saussure ensina-nos que aquilo que interessa na palavra não é o som em si mas as diferenças fônicas que permitem distinguir esta das demais palavras, pois são estas diferenças que comportam a significação. O *Curso* lança a fórmula que mais tarde viria a ficar célebre: “Os fonemas são antes do mais entidades opositivas, relativas e negativas”. Saussure chega a afirmar que o sistema destes fonemas claramente diferenciado, o *sistema fonológico*, como ele o designa, é a única realidade que interessa ao linguista no domínio fônico (Jakobson, 1977, p. 44).

Sim, por um lado esse teórico voltado à Linguística, e por outro lado, ou por um mesmo, o Jakobson voltado à Poética e/ou à Poesia. Quem, cerca de trinta anos após



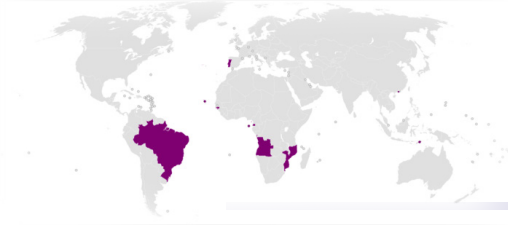
publicação das *Teses*, afirmou que a Poética, interessada na diferença específica entre a arte verbal e as demais condutas verbais, tem seu lugar assegurado tanto no campo dos Estudos Literários quanto nos Estudos Linguísticos, essa é a posição defendida por Jakobson em *Linguística e Poética*, texto no qual o linguista russo se volta propriamente a noção de função poética da linguagem, ideia impossível de ser pensada sem que seja considerado a relação complementar entre Estudos Linguísticos e Estudos Literários. Ao *Linguística e Poética*, portanto.

De modo breve, sem nenhum desejo de esgotar as ideias apresentadas por Jakobson, começo pelas generalidades: o texto foi produzido em um momento de certa maturidade intelectual do Jakobson, nos anos sessenta, mas não apenas, fora produzido também diante de um momento de maturidade do próprio desenvolvimento das ideias linguísticas, quer dizer, a linguística sincrônica já havia sido fundada – por Ferdinand de Saussure – bem como a fonologia estrutural sincrônica – pelo próprio Jakobson junto da Escola de Praga; a versão brasileira encontramos em *Linguística e Comunicação*, livro que reúne sete ensaios do autor e um entre esses sete ensaios é *Linguística e Poética*; sobre esse texto, em específico, podemos já pelo título perceber zonas em contato, é pois criando uma zona de aproximação entre Linguística e Poética, que Jakobson apresenta a função poética da linguagem.

O texto *Linguística e Poética* pode ser dividido em duas partes, ao menos é assim que venho conseguindo compreendê-lo, na primeira o autor diz ser a Poética parte integrante da Linguística, isso pois a Poética está voltada à diferença específica da arte verbal em relação às demais atividades verbais e a Linguística, por sua vez, sendo uma ciência mais ampla da estrutura verbal, deve estar implicada nas mais diferentes formas expressivas da linguagem, acompanhamos:

A Poética trata fundamentalmente do problema: *Que é que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte?* Sendo o objeto principal da Poética a *differentia specifica* entre arte verbal e as outras artes e espécies de condutas verbais, cabe-lhe um lugar de preeminência nos estudos literários. (...) A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística (Jakobson, 1976, p. 118-119).

É também na primeira parte em que Jakobson apresenta os seis elementos básicos da comunicação: o remetente, o contexto, a mensagem, o destinatário, o contato e o código, elementos com os quais uma mensagem verbal entra em ação. Em seguida o autor apresenta as correspondentes funções, ou melhor, as seis funções da linguagem, cada uma delas sendo mobilizada por seu respectivo elemento; sendo: a função emotiva, referencial,



poética, conativa, fática e metalinguística. Não há propriamente uma divisão formal no texto, ainda que seja possível perceber que após a apresentação dos seis elementos básicos da comunicação e suas seis respectivas funções, Jakobson afunila pela função poética da linguagem, o que considero então ser a segunda parte do texto.

Apresentados os seis elementos da comunicação e suas respectivas funções, o teórico se pergunta pelo critério linguístico empírico da função poética da linguagem: "qual é o característico indispensável, inerente a toda obra poética?" (Jakobson, 1976, p. 129). Para responder, recorre aos dois modos básicos de arranjo utilizados na composição verbal: a seleção e a combinação, ou seja, ao produzirmos uma mensagem verbal, podemos acompanhar, inevitavelmente ficamos diante das escolhas das palavras e de suas combinações em uma extensão sintagmática, ou seja, produzir uma mensagem verbal requer que um falante faça escolhas e combinações.

Quando há o fenômeno da função poética da linguagem, podemos acompanhar em Jakobson, ocorre uma força ou um trabalho que recai sobre mensagem, essa força, por sua vez, é efeito de uma operação linguística que se dá graças à sobreposição do eixo da seleção sobre o eixo da combinação, ou seja, nenhuma escolha é casual quando se está diante das mensagens verbais em que a função poética está dominante, em *Linguística e Poética* encontramos:

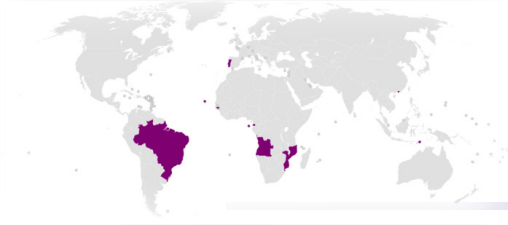
Qual é o critério linguístico empírico da função poética? Em particular, qual é o característico indispensável, inerente a toda obra poética? (...) A seleção é feita em base de equivalência, semelhança e dessemelhança, sinonímia e antonímia, ao passo que a combinação, a construção da sequência, se baseia na contiguidade. A função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação. (Jakobson, 1976, p. 130).

Bastante analítica a segunda parte, interessado no fenômeno da função poética da linguagem, Jakobson volta-se sobretudo à análise de textos versificados, isso, não sem antes apontar para o fato de que a função poética da linguagem de modo algum está restrita à poesia, nela, na poesia, apenas está posta de modo mais dilatado:

Conforme dissemos, o estudo linguístico da função poética deve ultrapassar os limites da poesia, e, por outro lado, o escrutínio linguístico da poesia não se pode limitar à função poética. As particularidades dos diversos gêneros poéticos implicam uma participação, em ordem hierárquica variável, das outras funções verbais a par da função poética dominante (Jakobson, 1976, p.128).

O teórico não é modesto nos exemplos discutidos e analisados no decorrer de sua exposição, ele cita desde a métrica do grego e árabe antigo, poesia clássica chinesa,





canções épicas da sérvia, formas poéticas ugro-finesas (língua falada na Finlândia), poesia folclórica e canções matrimoniais russas, folclore eslavo, canções de povos indígenas da América, etc. Quando realiza análises do fenômeno da função poética da linguagem, vai desde propaganda política e slogan publicitário aos versos de Edgar Allan Poe e William Shakespeare. Antes de nos voltarmos aos conceitos linguísticos teóricos mobilizados pelo fenômeno da função poética da linguagem, passemos rapidamente a alguns exemplos sobre os quais Roman Jakobson se debruça para conseguirmos compreender o próprio fenômeno.

Há o fenômeno da função poética da linguagem, acompanhamos em Jakobson, tanto no slogan político: “*I like Ike*” e também na célebre frase do imperador romano Júlio César com a qual anunciava suas vitórias de colonização: “*vini, vidi, vici*”, como há no seguinte verso: “*And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting*” da estrofe final do “*The Raven*” de Poe. Exemplos entre si distintos, é verdade, ainda que partilhem um mesmo traço, ou melhor, o efeito de um mesmo fenômeno, é ele, a função poética da linguagem. O linguista russo atribui ao primeiro exemplo poeticidade devido à sequência estruturada em três monossílabos que apresentam e reiteram um mesmo ditongo /ai/, cada um, aponta Jakobson, sendo seguido simetricamente de um som consonantal: / l - k - k /, há uma rima em eco nesta fórmula trissilábica: “imagem paronomástica de um sentimento que envolve totalmente o seu objeto” (Jakobson, 1976, p.129); já no frase vitoriosa de Júlio César, acompanhando o linguista, percebemos uma simetria nos três versos dissilábicos possuindo, cada um deles, idêntica consoante inicial é idêntica vogal final, de acordo com Jakobson, é esse jogo entre som e sentido que dá a frase do imperador o “esplendor”; ainda, no primeiro verso da última estrofe de “*The Raven*” de Edgar Allan Poe, Jakobson vai apontar que há nessa sequência onde o eixo de seleção se superpõe da combinação “duas sequências fonêmicas semelhantes, próximas uma da outra” tendendo a assumir função paronomástica: “É verdade que o primeiro verso da estrofe final de *Corvo* de Poe faz largo uso de aliterações repetitivas, conforme assinalou Valéry, mas o ‘efeito irresistível’ desse verso e de toda estrofe é fundamentalmente devido ao domínio da etimologia poética.” (Jakobson, 1976, p. 150-151). Embora nesses três exemplos haja efeito do fenômeno da função poética da linguagem, não é de uma mesma forma que ele se manifesta, assim, podemos dizer, que o traço partilhado seja o trabalho de sobreposição do eixo da seleção sobre o eixo da combinação, ou seja, as escolhas fonêmicas, escolhas que são distribuídas na extensão sintagmática e que repercutem no propriamente no sentido, não são escolhas casuais. A pergunta norteadora de Jakobson quanto aquilo que torna uma mensagem verbal uma obra de arte, ora, tem como resposta esse fio reflexivo, a resposta está no eixo da seleção fazendo peso no eixo combinatório.

Tal como tenho conseguido acompanhar, a função poética da linguagem em Jakobson mobiliza principalmente as ideias de eixo paradigmático (aquele mecanismo da composição verbal que opera na seleção e substituição) e de eixo sintagmático (mecanismo que opera na combinação), principalmente, mas não apenas.

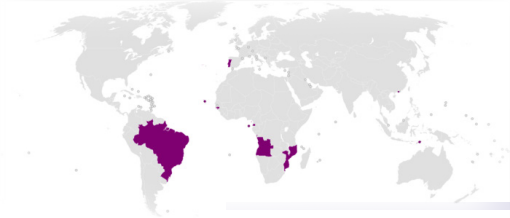
Quando há o fenômeno da função poética da linguagem há na mensagem uma tensão que se apresenta na cadeia do som de um jeito cada vez inusitado e que repercute no sentido da mensagem, Jakobson fala de um “efeito irresistível” resultante de certa “hesitação entre som e sentido”, e também a função poética não estaria restrita à repetição de fonemas, antes é efeito de um jogo inusitado que se apresenta pelas palavras, quer dizer, por óbvio, daquilo que faz uma palavra ser uma palavra, ou seja, a relação entre som e sentido, acompanhamos:

Por efetiva que seja a ênfase na repetição, em poesia, a textura sonora está longe de confinar-se a combinações numéricas, e um fonema que apareça uma única vez, mas numa palavra-chave, em posição pertinente, contra um fundo contrastante, pode adquirir relevo significativo (Jakobson, 1976, p. 154).

O fenômeno da função poética da linguagem mobiliza ideias linguísticas como a de eixo de seleção, eixo de combinação, de som e sentido, mas não apenas.

A função poética também mobiliza os conceitos linguísticos de valor e arbitrariedade, ora, o som em linguística, quer dizer, o estudo do som desde Roman Jakobson, ou melhor ainda, o estudo do som desde Ferdinand de Saussure, é uma estudo do som de base relacional e diferencial, isso pudemos acompanhar desde as *Teses* e principalmente na passagem de *Seis lições* acima exposta; o som é não apenas um elemento relacional como também no campo dos Estudos Linguísticos se ancora às ideias de sentido e valor, sentido e valor linguístico. É deveras interessante reconhecer que Roman Jakobson em *Linguística e Poética* não utiliza propriamente as ideias de valor e arbitrariedade, conceito basilares da linguística sincrônica fundada pelo mestre genebrino Ferdinand de Saussure, ainda assim, é precisamente devido à função poética da linguagem tocar em tais ideias, ou melhor, se sustentar nesses conceitos, que a que a indeterminação acaba por ser uma marca fundante do fenômeno; Roman Jakobson não usa valor e arbitrariedade, mas utiliza ideias como “imprevisível” (Jakobson, 1976, p. 147) e “ficções linguísticas” (Jakobson, 1976, p. 158), um jeito um tanto quanto original, ou melhor ainda, um tanto quanto poético, para falar justamente sobre os conceitos saussurianos de valor e arbitrariedade.

Retornemos aos conceitos apresentados no *Curso de linguística geral*, obra póstuma atribuída a Ferdinand de Saussure, fruto de aulas ministradas pelo linguista genebrino entre o final da primeira década do século vinte e o início da segunda. A noção de arbitrariedade é exposta nos “Princípios gerais” da referida obra, logo após as considerações sobre a natureza do signo linguístico: “O signo linguístico une não uma



coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. (...) O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces.” (Saussure, 2012, p. 106). Duas ideias bastante importantes para seguirmos a reflexão sobre a função poética da linguagem, primeira: em Saussure compreendemos que o signo linguístico, composto da relação entre significante e significado – ou som e sentido, como expõe Roman Jakobson – não une um signo às coisas no mundo, quer dizer, no terreno linguístico, ficamos antes diante das palavras e das palavras do que diante das palavras e das coisas, por isso dizemos que a relação entre signo e as coisas no mundo é arbitrária, assim, não tendo motivação; segunda, a própria relação entre o significante e o significado de um signo linguístico, é ela, arbitrária, encontramos no *Curso*:

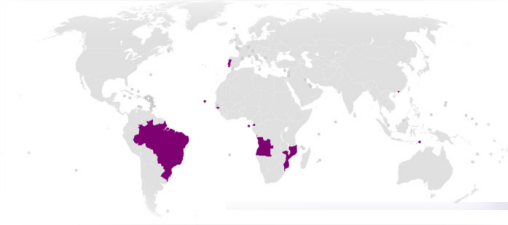
O laço que une o significado ao significante é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário. (...) queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (Saussure, 2012, p. 108-109).

Ainda, sobre a noção de valor em linguística desde o *Curso*: compreender a noção de valor linguístico requer entender que um signo linguístico – ou então um som que é a contraparte do sentido – não carrega em si um valor existente antes do jogo relacional que é travado entre os próprios signos em uma extensão sintagmática ou então entre os sons que compõe um próprio signo, é precisamente diante de um jogo relacional que um elemento linguístico poderá ganhar valor, será propriamente na relação que o signo poderá gerar valor diante daquilo que vem antes dele, diante daquilo que vem depois e diante daquilo que não vem, acompanhamos no *Curso*:

Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema. O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos do que o que existe ao redor dele nos outros signos (Saussure, 2012, p. 168).

Mas o que arbitrariedade e valor poderia ter a ver com o fenômeno da função poética da linguagem? Por qual motivo essas noções, além do eixo da seleção, eixo da combinação, som e sentido, são basilares para a compreensão da função poética da linguagem? Primeiro podemos pensar – sobretudo se tivermos em mente a poesia de tradição lírica – que uma mensagem verbal na qual está dilatada a função poética não tem um compromisso de primeira ordem com as coisas no mundo, a poesia revela um





mundo no qual o que se apresenta é um jogo “irresistível” entre as palavras, para usar a expressão utilizada pelo próprio Jakobson, e esse jogo irresistível é precisamente possível devido à arbitrariedade que há entre o signo linguístico e as coisas do mundo e também a arbitrariedade que há entre o significante e o significado. Dito de outro modo, na poesia de tradição lírica, categoria poética na qual há um forte trabalho na camada sonora da composição verbal, há um jogo com sons que é viabilizado e possível justamente devido ao fato de as palavras terem um compromisso – pelo menos no campo literário – com as coisas do mundo.

Quanto a noção de valor linguístico e aí podemos pensar não somente a respeito de mensagens verbais poéticas, mas sim quanto a qualquer mensagem verbal, ora, o valor de um signo linguístico – produzido na fala encadeada ou então revelado através da escrita em uma sequência de versos constituintes de uma estrofe – não é revelado senão no jogo relacional travado e tecido entre aquilo que se presentifica e aquilo que se ausenta, o sentido de um elemento linguístico – na fala cotidiano ou então na poesia – sempre está à mercê de cada um dos elementos presentes, do primeiro ao último, que todos elementos sejam postos em relação, aí então estará o sentido da mensagem verbal e o valor de seus termos.

Retornemos a um importante aspecto exposto acima, tanto um falante ordinário quanto um poeta, por exemplo, ao produzirem uma mensagem verbal, partem de um mesmo sistema linguístico, um mesmo repertório fonêmico; falante e poeta operam no eixo da seleção e da combinação para produzirem suas mensagens verbais, se assim é, que diferença haveria entre a mensagem verbal que produz um falante ordinário e a mensagem verbal produzida por um poeta? Por qual motivo estaríamos autorizados a nos sentirmos mais seduzidos pelos versos de Edgar Allan Poe em detrimento daquilo que produz um falante quando tem por finalidade a comunicação cotidiana? É precisamente a finalidade sobre a qual trabalha quem produz a mensagem. Enquanto o falante ordinário escolhe e combina suas palavras tendo por finalidade a comunicação ordinária, o poeta produz sua mensagem tomando para si um trabalho sobre a própria mensagem, de outro modo, o poeta não seleciona e combina casualmente, para ele, essa operação é uma elaboração estética.

Ainda: o fenômeno da função poética da linguagem liga-se ao valor e à arbitrariedade pois carrega e é fundado por sua indefinição e indeterminação, pelo inusitado, pelo espantoso e surpreendente da relação entre som e sentido; essa marca de indeterminação que carrega o fenômeno da função poética da linguagem é sustentada justamente pela noção de valor e de arbitrariedade. Isso pois a ideia de valor em linguística nos permite pensar que o sentido de uma mensagem verbal sempre poderá ser revelado de um novo jeito, para que isso ocorra, basta que essa mensagem verbal revele termos



que no conjunto possuem valor devido à base relacional, deferencial e negativa do valor linguístico, isso pois, língua não substância e sim forma, não havendo na língua nenhum sentido e valor pré existente ao jogo travado pelas relações entre som e sentido; já a noção de arbitrariedade nos faz perceber que o jogo entre as palavras não são mais do que “puras ficções linguísticas”, para fazer referência à expressão utilizada por Jakobson ao apresentar o jogo de palavras de Shakespeare em *Linguística e Poética*; essa ideia de “puras ficções linguísticas” nos faz pensar que uma mensagem verbal poética não é mais do que um jogo brincação entre as próprias palavras, entre as palavras e as coisas no mundo.

Dizer que uma mensagem verbal poética carrega e é fundada pela indeterminação do sentido – fruto do valor e da arbitrariedade – leva-nos a seguinte constatação: querer falar sobre a função poética acaba sendo querer falar sobre algo que não se pode saber muito ao certo o que é com precisão, quer dizer, é possível, claro, se voltar aos textos com a impressão de que ali opere o fenômeno, mas se tratando da função poética, o fenômeno cada vez é diferente, isso pois, o fenômeno, o que ele revela, é sempre da ordem do inesperado e é a poesia que talvez melhor nos dê algum testemunho dessa marca de estranheza e desterritorialização posta em cena poeticamente pela linguagem verbal. É exatamente por carregar e ser fundada no inusitado e surpreendente que querer falar sobre a função poética da linguagem se torna tão desafiador.

Por isso, é possível analisar textos em que a função poética está dilatada, mas não haveria uma espécie de regra ou fórmula, ao fenômeno da função poética da linguagem deverá restar necessária parcela do inusitado pois irrepetível. Ainda que não possa haver uma regra, penso ser possível, aliás do ponto de vista linguístico, precisamente do ponto de vista linguístico e conceitual, apontar para aquilo no que a função poética da linguagem mobilizará, ora, são os próprios conceitos que até aqui convoquei.

Mobilizada a ideia e os conceitos postos à mesa pela função poética da linguagem, ainda que bem breve, tal como tenho conseguido compreendê-la, claro, quero pensar sobre seus alcances.

## 2. UM CASO DE FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM?

O que se passava para que “ossougue” pudesse irromper como um ato de criatividade verbal? Como manifestação do fenômeno da função poética da linguagem na sala de aula durante um encontro da disciplina de língua portuguesa?

Na circunstância, mais de um ano atrás, trabalhando com uma turma de oitavo ano de ensino fundamental o jornal enquanto suporte de gêneros discursivos diversos, particularmente com a reportagem, após leitura, análise e reflexão textual sobre o gênero em questão, passei a tarefa da produção de um texto que fizesse sentido estar presente na



plataforma jornal, tendo estabelecido como baliza a produção de uma reportagem. Eis que um aluno me perguntou se poderia produzir dois textos, isso pois tinha vontade, eu, claro, disse que sim. Como era de se esperar, um entre os textos foi uma reportagem, por sinal muito bem escrita, já o outro, esse texto que poderia quase ter passado despercebido, pois não cobrado, foi então o que desencadeou em mim o espanto. Foi o título de uma tirinha que me colocou em apuros, apuros diante da palavra, o seu sentido, apuros diante do aluno, apuros diante de mim mesmo e de minhas ideias.

O que o aluno me apresentava era uma arte digital sequenciada, dois ou três quadrinhos, na centralidade deles um estabelecimento comercial que na vitrine exibia ossos, diante da vitrine, um homem puxava de dentro do bolso o próprio bolso, pois nada ali encontrava, na face uma expressão de desespero, dessa arte digital sequenciada, o que me provocou foi o título da tirinha, uma palavra, fazendo-me cometer um equívoco. A palavra no título era “Ossougue” foi ela que me pôs em apuros, palavra que de primeira eu não compreendi; li a palavra, em resposta, elogiei, disse que a ideia era boa, mas apontei para o que havia visto, apontei para o que eu precisava apontar, eu pensava: apontei para um erro, eu disse algo como: ‘Açougue’ se escreve com ‘ç’ e não com dois ‘s’; pro meu espanto, ele respondeu: “eu sei, é que foi uma brincadeira com as palavras”, eu, surpreso, sem entender bem, retornei ao texto do aluno e ri de nervoso, comecei a remanejar o efeito de sentido, isso pois sequer havia percebido que a palavra começava com a vogal ‘o’ e não com ‘a’, pois aí já haveria uma pista de certa subversão um tanto quanto sagaz, mas eu só vi o erro. Espantado, percebendo aos poucos que a palavra construída diante da qual eu tava era muito mais do que um ingênuo e simples erro de ortografia, me sentindo um pouco constrangido, disse ao aluno que sentia muito pelo meu equívoco de leitura. Em silêncio, disso eu me lembro bem, pensei: “do que adiantou ter lido Guimarães Rosa? tentando entender Jakobson? se diante de um ato criativo com as palavras e a criação de sentido, deixei que meu olhar e escuta fossem conduzidos por uma simples ideia de erro?”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: “OSSOUGUE” E CRIATIVIDADE NA LÍNGUA

Tendo mobilizada a ideia, os conceitos, o contexto, resta ir aos desdobramentos do próprio conceito. Voltando à pergunta com a qual iniciei esse texto: em que medida a ideia de função poética poderia sustentar a hipótese de criatividade verbal em “ossougue”?

Por um lado, se entendo que a função poética da linguagem tem a ver apenas com uma figura de som que, repercutindo numa mensagem verbal de um jeito surpreendente, repetindo ou contrastando com um fundo sonoro, agencia um sentido inusitado, bom, penso ser negativa a resposta a minha pergunta, isso pois, em “ossougue” não há propriamente, digamos, um contexto sintagmático como nos versos de Poe, propriamente



não há algo semelhante à força dramática agenciada pelo jogo entre os sons no exórdio de Antônio na oração fúnebre de César dos versos de William Shakespeare, algo semelhante ao jogo sonoro que resulta naquilo que Jakobson chama de “puras ficções linguísticas” ou então às “paranomásias invertidas” analisadas nos versos de Poe; não há propriamente uma construção nem muito longo, tampouco versificada.

Entretanto, por outro lado, penso, que talvez a ideia de função poética da linguagem nos permita fazer trânsitos: ainda que não haja contexto sintagmático muito extenso, ao escolher “ossougue”, o aluno não só põe em cena uma palavra de sentido enigmático, como põe em cena - talvez principalmente - por negatividade, oposição e relação todas as outras palavras e construções possíveis da língua, sistema que é então, através de uma única palavra, inteiro atualizado. É precisamente operando sobre o eixo da seleção que o aluno consegue combinar em um único elemento linguístico um sentido absolutamente original e criativo, assim revelando aquilo que é característico do fenômeno da função poética da linguagem: o surpreendentemente irrepetível.

Em “ossougue” há um tipo sagacidade que encontra uma fresta no jogo da relação entre letra e fonema; embora uma e outra palavra - “osso” e “açougue” - essas que o aluno condensa em apenas uma, sejam marcadas por grafemas diferentes, o som evocado é o mesmo. Ao selecionar e condensar em uma só palavra um sentido inusitado, o aluno, não apenas se mostra criativo, mas também dá a ver um estilo que se apresenta de um jeito e não de outro, escolhendo uma construção verbal, ele deixa de lado outras, aliás, talvez mais convencionais, tal como: “loja que vende osso” ou ainda “açougue que vende osso”, ou apenas “loja” “loja de osso”, nada disso, o aluno de um jeito muito original parece conseguir em uma única palavra condensar um sentido que nenhuma outra seria capaz de fazer, não do mesmo jeito.

Ainda que não haja uma repetição de som, talvez seja possível dizer que há um trabalho, sim, no eixo da seleção, igualmente há um efeito de imprevisível e enigmático, bem como, eu penso, o que se apresenta é uma palavra condensada em que as coisas se passam como se fossem uma brincadeira, ou, acompanhando Jakobson, como se fossem “ficções linguísticas”, ficções que aliás pedem por alguma reavaliação da própria mensagem.

Ainda: na companhia de Jakobson, não propriamente desde ‘Linguística e Poética’, mas do ‘*Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*’ (Jakobson, 1976), texto dos anos quarenta, poderíamos nos perguntar – sobretudo como movimento especulativo e de provocação –, se “ossougue” não revelaria do ponto de vista linguístico a manifestação verbal de um estilo metafórico, ideia que acompanhamos em Roman Jakobson no referido texto. Será que o ato criativo do aluno poderia estar mais para o lado do estilo metafórico

de Salvador Dalí e Charles Chaplin, do que para o lado do estilo metonímico de D. W. Griffith e Pablo Picasso?

De algum jeito, em “ossougue”, me autorizando realizar um exercício comparativo entre diferentes formas de linguagem, é como se pudéssemos contemplar verbalmente aquilo que nos mostra ‘*Os elefantes*’ (1948), pintura de Dalí em que vemos elefantes com pernas de girafa, pintura que revela imagens de animais condensados formando um novo ser. Estilo de linguagem pictórica diferente daquele revelado pela expressão metonímica de Pablo Picasso na ‘*Damas D’Avignon*’ (1907) em que contemplamos cinco mulheres exibidas de diferentes perspectivas simultaneamente. Um estilo metafórico seria mais poético do que um estilo metonímico? Ou esses estilos são poéticos de maneiras diferentes?

A ideia de função poética da linguagem pode sustentar a hipótese de criatividade verbal em “ossougue”? Sem saber se a função poética da linguagem deve ou não sustentar alguma coisa, certo é que ela vale pelos próprios desdobramentos da reflexão enquanto eles se dão e consuze o pensamento. Pensar sobre a relação entre estilo verbal e função poética da linguagem poderia ser um caminho frutífero?

Neste caso, neste caso em que me pergunto se há ou não o fenômeno da função poética da linguagem, sem saber ao certo, certo é que há um jogo bem provocativo revelado por uma palavra, sendo assim, por fim, preciso partilhar aquilo que “ossougue” me fez inevitavelmente interrogar: quantas vezes um professor de língua portuguesa – que carrega consigo um suposto saber sobre a língua – consegue suportar certa criatividade diante do inusitado do sentido das palavras no contexto escolar? Suportar certa subversão da língua por parte de um aluno?

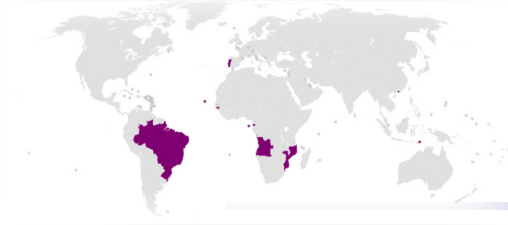
Hoje fico pensando que na ocasião o que talvez tenha me ensurdecido e cegado tenha sido a minha própria posição de professor que, ingenuamente, consegui – talvez por vício – apenas perceber erro logo ali onde havia sagacidade. Em larga medida essa escrita é um jeito de me reaver diante de mim mesmo, do meu equívoco de leitura diante do aluno criativo e do quanto isso me capturou me conduzindo a pensar coisas. Coisas sobre as quais o aluno jamais terá suspeita, coisas, por fim, que devo à originalidade e coragem dele diante das palavras e do sistema da língua. A sua criatividade diante de mim.

## REFERÊNCIAS

JAKOBSON, Roman. “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”. In: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

\_\_\_\_\_. “Linguística e Poética”. In: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

\_\_\_\_\_. **Seis lições sobre som e sentido**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.



\_\_\_\_\_. “Teses de 1929”. In: TOLEDO, D. (Org.). **Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia**. 1.ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.